
A REPRESENTAÇÃO DE UM MODELO DE HOSPITAL PARA DEPENDENTES QUÍMICOS NO FILME “BICHO DE SETE CABEÇAS”

Autora: Naiara Leonardo Araújo – PET-História/UFCG

nayara_araujo1990@hotmail.com

Orientadora: Regina Coelli Gomes Nascimento – Tutora do PET-História/UFCG

reginacgn@gmail.com

INTRODUÇÃO

O buraco do espelho está fechado
Agora eu tenho que ficar aqui
Com o olho aberto, o outro acordado
No lado de lá onde eu caí
Pro lado de cá não tem acesso
Mesmo que me chame pelo nome
Mesmo que admitam meu regresso
Toda vez que eu vou a porta some. [Trecho do filme]

O filme “Bicho de Sete Cabeças”, produzido no ano de 2001 por Laís Bodansky trás para os dias atuais uma discussão sobre o uso de drogas. Temática que a cada dia ganha espaço na mídia. O filme apresenta várias possibilidades de abordagem optamos por refletir sobre como é retratado o uso das drogas na família, na sociedade e pelo garoto. Em que momento, agora em análise mais histórica, as plantas são tachadas como ilegais? Ainda melhor, em que momento recebe o nome de drogas? Além destas categorias ainda notamos no filme a presença do uso de remédio que podem causar dependência e a relação do medico com estas drogas. A partir desta análise nos deparamos com mais uma questão: como uma pessoa comum da sociedade é colocada como um viciado e as pessoas com profissões de grande reconhecimento, muitas das vezes sendo dependentes de drogas, não sofrem tal repressão social?

Assim, depois de fazermos uma viagem pelo mundo das plantas/drogas e vícios, partimos para um segundo momento de bastante interesse em nossa pesquisa, a clínica para dependente químico em que o garoto é internado. Como as próprias cenas do filme buscam retratar tais hospitais não distinguiam os viciados, dos chamados até então como loucos, e desta associação partimos para diversos questionamentos como: em que momento histórico o Brasil sente a necessidade de instalar hospitais psiquiátricos? Por que este novo modelo de instituição se aproxima tanto das prisões? Qual a intenção dessas instituições com as internações? Desta forma, as cenas em que Neto se encontra internado na clínica são de suma importância para buscarmos nos aproximar dessas questões, bem como enxergarmos, ao menos uma pequena parte, o que geralmente acontecia dentro destas clínicas.

DO CÉU AO INFERNO

“Bicho de Sete Cabeças”, filme baseado no livro Canto dos Malditos de Austragésilo Carrano Bueno, o qual narra suas experiências em um manicômio, traça uma trajetória cinematográfica capaz de levar-nos das cenas iniciais até o final a uma gradativa descida do céu – representado pela boa vida, pelos amores e despreocupações – para o inferno dramático das punições, dos medos.

Neto, um garoto de classe média que mora em São Paulo, gosta de praticar esportes como andar de skate, de estar junto dos amigos, de ir para festas. Enfim, Neto leva uma vida normal como à de qualquer adolescente da cidade. Mas com o desenrolar do filme, e isso não demora muito, encontramos Neto e seus amigos juntos em um local que aparenta uma casa abandonada, ou alguma espécie de sucata de carros inutilizável em tais momentos, conversando sobre assuntos banais enquanto fuma um cigarro de maconha, coisa que está a cada dia mais se tornando moda para os adolescentes das cidades. Então, entre uma tragada e outra, Neto lembra-se que tinha combinado de sair com seu pai e demonstrando certa agressividade com o amigo sai correndo para não se atrasar mais ainda. Estando com seu pai no carro, Neto procura esconder qualquer ação que possa denunciar o seu envolvimento com a maconha, usando óculos escuros, falando pouco, não olhando diretamente para o pai, respondendo com movimentos da cabeça. Seu pai desconfiaram que havia bebido depois que pediu a Neto para olhar um

placar de futebol no jornal e este não conseguiu encontrar o caderno correto. Depois observando o comportamento de Neto, o filme busca passar a idéia comumente dita por especialista retratando uma briga de família, entre Neto e seu pai por causa de uma viagem. O desfecho da confusão desta cena é Neto fugindo dos pais e indo com um amigo para a cidade de Santos, sem dinheiro ou qualquer outra companhia. Lá, Neto percebe que se meteu em uma roubada e para conseguir voltar para casa terá de pedir dinheiro nas ruas. Em meio a esta confusão Neto vive também uma grande experiência, que será capaz de fazê-lo sonhar com o céu estando no inferno, quando encontra em uma lanchonete uma mulher. Ela lhe pagaria uma limonada enquanto ouvia toda a história, depois o levaria para sua casa para um almoço com uns amigos e já no finalzinho do dia Neto seria tranqüilizado também com amor. Mas para não deixarmos de falar nas roubadas que Neto sofre, assim que volta para sua cidade resolve sair com os amigos pichando alguns prédios e em meio a tal divertimento é pego pela polícia e levado para passar a noite preso até a manhã seguinte, quando os pais vêm lhe soltar. A confusão com a família é novamente colocada para na seqüência vemos Neto em mais uma confusão, esta seria a porta do inferno para ele. À noite quando volta para casa, como de costume jogou a bolsa e a jaqueta no chão da sala e seu pai, que ainda estava acordado briga com ele ordenando que leve suas coisas para quarto. O pai de Neto levanta-se da poltrona para pegar as coisas do filho do chão quando encontra caído da jaqueta dele um cigarro de maconha, que seguindo a cena notamos a cara de espanto do pai e de desesperado diante do fato inesperado. Sem saber o que fazer seus pais procuram sua irmã, mais velha e que pode conseguir ajudá-lo. A próxima cena então se passa no quarto de Neto, quando seu pai chega lhe chamando para ir ao hospital visitar um amigo que está doente e para convencê-lo permite que vá dirigindo.

A partir desta descrição do início do filme podemos abordar agora a questão que levou sua família a interná-lo, a maconha, ou melhor, o consumo das drogas. Na atualidade o debate sobre as drogas, girando principalmente no uso da maconha, ganhou fortes adeptos que lutavam pela sua liberação argumentando ser a maconha uma planta medicinal ou que causa menos danos ao ser humano do que o cigarro. Mas antes de tratarmos sobre a maconha ou sua liberação é necessário entendermos primeiramente o contexto de surgimento da palavra droga e sua transformação para o que hoje significa.

Segundo Henrique Carneiro no livro “Álcool e Drogas na História do Brasil”, professor da Universidade de São Paulo, uma das principais riquezas buscadas nas Américas e no Oriente eram drogas nos séculos XVI e XVII e tal denominação surge ainda na época ou pelas pessoas que a comercializavam e/ou pelas pessoas que as consumiam. Para ele a palavra droga tem uma provável origem holandesa *droog*

Que significava produtos secos e servia para designar, dos séculos XVI ao XVIII, um conjunto de substâncias naturais utilizadas, sobretudo, na alimentação e na medicina. Mas o termo também foi usado na tinturaria ou como substância que poderia ser consumida por mero prazer. (CARNEIRO, 2005, p. 11.)

Como podemos observar as drogas no início das navegações possuíam papel importante para a alimentação e medicina – a qual ainda galgava seus primeiros passos – mas que incentivam a chegada dos europeus em diversas regiões em busca dessas drogas, consideradas quase ouro à época. Contudo, vale salientar que as drogas – que nesta época incluía também o que hoje é mais conhecido como temperos, como a pimenta, por exemplo – recebeu o nome de especiarias para não ser confundido com o fenômeno atual de uso das drogas. Ainda segundo Carneiro, se utilizando das idéias de Freud quando afirma que “as drogas são os instrumentos mais eficientes para se obter prazer e para se combater a dor” (CARNEIRO, 2005, p. 15.) e salienta ainda com o pensamento de Freud dizendo serem as drogas a mais importante na economia libidinal de todos os povos a ponto de exaltá-la, idolatrá-la, divinizá-la. Pensando a partir deste psicanalista podemos lembrar os estudos de Foucault sobre a política criada a partir do século XVIII na França contra a masturbação, principalmente em crianças e adolescentes. Em seu livro “Os Anormais” Foucault apresenta um estudo sobre tais proibições com base em documentos que nos mostra ser tal prática uma das causas principais das doenças tendo relatos de médicos da época que colocavam inclusive essa prática como causadora até da morte de crianças (FOUCAULT, 2001, p.293.). De qualquer forma essas substâncias capazes de lhes substituir o prazer masturbatório são consideradas uma droga porque são antes de qualquer coisa “alimentos espirituais, que consolam, anestesiavam, estimulam, produzem êxtase místico, prazer intenso...” (CARNEIRO, 2005, p. 15.).

O Brasil começará uma política de proibição das drogas de forma lenta a partir do início do século XIX quando nas Ordens Filipinas aparece o item 89: “Que ninguém tenha em sua casa rosalgar [arsênico] nem venda, nem outro material venenoso”. Juntamente com este decreto ainda estava a proibição também do uso do ópio salvo exceção somente a boticário que tivesse a legalização da profissão, a licença. Somente a partir do século XX é que o Brasil viverá grandes transformações no campo social com relação às drogas, após um período de observação dos debates nos Estados Unidos e sua política de controle. Como fala Maurício Fiore, ainda no livro “Álcool e Drogas na História do Brasil”, o surgimento desse fenômeno moderno das drogas esteve associado a dois fatores ou a medicalização ou a criminalidade. Fiore nos explica porque foram proibidas as drogas:

Algumas substâncias, nomeadas a partir de então como drogas, propiciavam estados de loucura, comportamentos anormais e se tornavam, enfim, vícios que impediam um desenvolvimento de uma vida social saudável e regrada. Essas substâncias foram separadas de outras, cuja função terapêutica podia ser comprovada cientificamente, e que terminaram restrita sob o aval dos médicos. (FIORE, 2005, p. 262.)

A maconha também não ficou fora desta onda de atos institucionais proibitivos e no decreto de 1961 foi considerada ilegal junto a uma lista de outras drogas. Mas em que contexto essas drogas, principalmente a maconha, entrou no Brasil? Segundo Bruno César Cavalcanti, professor da Universidade de Alagoas, esta planta é nativa da região do Himalaia Central e depois difundida para as regiões próximas até alcançar a África para daí adentrar o Brasil com o tráfico de escravos. Vista para diversos usos desde a Antigüidade e em diversos locais, da modernidade para os dias atuais a *Cannabis sativa* foi cada vez mais associada no Brasil à figura dos pobres e negros, sendo considerado um produto ruim e degenerativo do corpo. Além dessa associação ainda era comum, como aconteceu com outras plantas, serem usadas em rituais religiosos tendo sido observado a utilização da maconha em diversos ritos indígenas e de origem africana (CAVALCANTI, 2005, p. 489.). Esta diferenciação entre classes e os usos das drogas nos coloca uma questão que atualmente é bastante interrogada, a utilização destas drogas sendo proibidas para uns e outros não como pudemos ver no filme na cena em que o médico usa a droga em sua sala de aula. O médico, detentor do poder/saber com relação a tal assunto sabe que ele, enquanto mecanismo vigilante destas pessoas

consideradas degeneradas, não terá uma repressão em sua prática¹. Tal observação no filme pode fazer-nos pensar que a lei e a punição para tal prática estão associadas às pessoas que não possuem o saber o suficiente para contestar e por isso acaba sendo subjugado, punido e repreendido por tal comportamento.

A presença no filme do garoto usando maconha, provavelmente nos anos de 1970, faz com que seus pais ao descobrirem tenham um forte impacto e ao mesmo tempo medo, tendo em vista como pudemos observar com os dados acima que tal discurso desde os anos de 1961 vinha proibindo seu uso e traçando campanhas para mostrar o mal que tal utilização faria no corpo de uma pessoa². Desta forma, como ainda hoje ouvimos tal discurso, a família de Neto o entende como um drogado que precisa de ajuda ao passo que seus pais não sabem o que fazer. A relação da família nesta hora acaba sendo abalada pelo discurso estatal que se mostra neste momento como sendo o melhor caminho de ajuda para esta pessoa dependente. Sendo assim, entra em cena mais uma questão tratada por Foucault em seu livro *Os Anormais*. Neste, como já comentamos acima apesar de abordar as políticas do século XVIII em diante sobre as práticas masturbatórias também nos traz uma questão de vigilância constante em que a pessoa se encontra inserida desde o ambiente familiar, constituído-se a família como a primeira ordem de vigilância do comportamento do filho. E caso observe algum desregramento inicial deve fazer o que precisar para barrá-lo³. Sendo assim, transportando tais observações para o filme, constatamos que sua família ao exercer o papel de vigilante e perceber o desregramento sente-se na obrigação de pedir ajuda médica, coisa que também é citado por Foucault como uma prática nas famílias da época – pois ao passo que constatavam a prática no filho ou filha os pais já não sabiam

¹ A cena inicia com o médico em uma ligação na qual fica claro o interesse dele em conseguir um financiamento do governo e para tal percebemos que ele é capaz de fazer qualquer coisa, inclusive aumentar o número de internos. Em seguida, o médico toma um remédio junto com bebida alcoólica para na sequência observarmos seu comportamento, com a câmera trazendo cenas pela olhar do médico, em um recurso fílmico para fazer o telespectador se sentir no corpo do médico.

² Diversos pesquisadores ao redor do mundo resolveram estudar o que acontece no corpo de uma pessoa que consumiu alguma droga, ou suas possíveis ajudas como medicamentos. Para exemplificar a revista *Mente & Cérebro*, em seu ano XV número 180, trouxe um exemplar inteiro com pesquisas realizadas em vários lugares do mundo sobre o assunto a fim de descobrir suas utilidades e o que é mito ou fato nos debates que falam sobre tal temática.

³ No caso das pesquisas de Foucault, fazer o que fosse necessário para barrar poderia incluir inclusive a mãe e/ou pai ir dormir na cama junto ao filho para evitar que este tivesse algum comportamento noturno proibido. Ainda podiam amarrá-lo para dormir ou ainda colocar proteções nas regiões genitais para evitar qualquer contato do filho com seu sexo.

como impedi-lo e a orientação que recebiam era a de procurar um médico. Ou seja, a medicina se encaixava como o próximo estágio de vigilância do corpo destes filhos, como se torna visível nas cenas do filme em que o pai resolve levá-lo para uma clínica de internação.

A DESCIDA AO INFERNO: O MANICOMIO

Observando o livro “História da Psiquiatria no Brasil” de Jurandir Freire Costa entendemos que os loucos no Brasil até por volta de 1830 não possuíam qualquer forma de tratamento, sendo deixados a sua sorte, perambulando pelas cidades. Somente a partir de 1830, médicos influenciados pelas idéias higienistas que ganhavam visibilidade na época, começam a pedir um auxílio na construção de hospícios para colocarem os “alienados” como mais uma forma de medida de higiene pública. À época as preocupações se voltavam para a construção de uma raça pura sendo comum os intelectuais afirmarem que o Brasil em pouco tempo se tornaria uma raça pura branca. E para o Brasil alcançar tal posição qualquer costume ou prática vistas como fator de impedimento para a conquista deste ideal era duramente reprimido, como assim viria a acontecer, por exemplo, como aqueles que seriam colocados pelos higienistas como alcoolátras. Vistos ainda como degenerados, eles deveriam ser internados em hospícios junto com os loucos, pois na época acreditava-se que o dependente de álcool ou maconha⁴ já havia consumido tanto a ponto de estarem beirando a demência, quando não já inserida dentro dela. Dessa forma, após a união destes médicos na Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, estes trabalharam para a criação dos asilos, sendo o primeiro a Santa Casa de Misericórdia, advogando que estes locais deveriam ser arejados e limpos para serem tratados a partir de medicamentos. Como podemos observar a criação destes locais desde o início não fez distinção entre *loucos* e dependentes químicos, fato que perdurou e que chegou a confundi-los como sendo a mesma doença.

⁴ Mencionamos álcool e maconha principalmente pela idéia que se tinha de ser prática comum às classes baixas. As demais classes acabam não sofrendo com esta idéia higienista por simples motivos. Primeiro, o discurso provinha das classes abastardas que podiam também estar inseridas em tal costume e depois, não era intenção destes médicos colocarem pessoas de famílias nobres em hospícios pois estes além de possuírem uma casa - pois um dos argumentos para a construção desses hospícios era o fato destes dependentes viverem perambulando pelas ruas – para se recolherem possuíam também dinheiro para fazer circular.

Após observarmos tais instituições no Brasil nos voltamos para o filme e a partir daí podemos relembrar uma cena do filme chave para refletirmos sobre o assunto, a entrada de Neto no hospital.

- “- O que está acontecendo? [Diálogo entre Neto e o enfermeiro do manicômio.]
- Ele [seu pai] te trouxe aqui para uns exames.
 - Exame de quê? Eu não to doente. Cadê meu pai?
 - Seu pai ta aí fora. Fique calmo.
 - Não, eu to calmo. Só quero saber o que ta acontecendo. É exército?
 - Fica tranqüilo, que não é exército, não. Como é seu nome?
 - Neto.
 - Neto de quê?
 - Wilson de Souza Neto.
 - O caso é o seguinte, Wilson, seu pai acha que você é viciado e trouxe você aqui pra fazer um tratamento.
 - Amigo, isso é um mal-entendido. Eu vou chamar o meu pai para esclarecer isso.
 - Escuta, você fuma maconha?
 - Não.
 - Seu pai disse que você fuma. Disse que encontrou um cigarro de maconha no bolso da sua blusa. E aí, você fuma ou não fuma?
 - De vez em quando eu fumo, mas eu não sou viciado.
 - Seu pai disse que você é. Ele e a sua mãe disseram que seu comportamento não ta normal.
 - Então eu vou chamar meu pai porque eu quero ouvir da boca dele, ta?
 - Não, Wilson, o caso é o seguinte, seu pai internou você aqui pra fazer um tratamento.
 - Que tratamento? Eu não sou viciado. Pô, se eu tomasse pico, tudo bem.
 - Todo mundo internado aqui por causa de pico começou com maconha.
 - Problema deles! Eu não tenho nada a ver com pico. Maconha não vicia.
 - Isso é o que você diz, só que a medicina diz outra coisa.
 - Peraí, que injeção é essa aí?”(Trecho do filme “Bicho de Sete Cabeças”)

Ao acordar depois desta injeção Neto estaria internado em uma instituição que ficou conhecida por diversos nomes, asilo, manicômio, hospital psiquiátrico, clínica para loucos, clínica para dependentes, etc. Dessa forma, avaliando o comportamento de Neto, sua completa ausência de conhecimento diante do que estava acontecendo. Sendo pego de surpresa levado a força para dentro de uma sala longe da vista de seu pai, Neto descobre que está sendo internado em hospital psiquiátrico porque seu pai havia encontrado um cigarro de maconha. Percebe-se a ausência de diálogo entre pai e filho antes da tomada de decisão e o descrédito que o enfermeiro dá às coisas que Neto fala. Primeiro para manter um controle sobre o paciente, suas informações são anotadas em seu prontuário médico para depois, a partir da força também, ver seu corpo sendo

violado com uma injeção para fazê-lo dormir. O discurso médico é apresentado como um saber de poder e verdade quando o enfermeiro fala “Isso é o que você diz, só que a medicina diz outra coisa” com relação ao fato de a maconha viciar ou não e as opiniões divergentes entre Neto e o enfermeiro, o primeiro defendendo o não vício da maconha e o segundo sendo a favor do discurso médico afirmando ser o ponto de partida para o mundo do vício.

Mas agora nos questionamos: se o considera um viciado, ou dependente químico, por que quando lhe foi administrado coquetéis de remédios que o deixava com uma aparência de uma pessoa em transe? Em que esses medicamentos se diferenciam das drogas por ele usadas? Pelo comportamento? Mas em nenhum dos usos químicos, legais ou ilegais, a pessoa permanecia em seu comportamento habitual, pois se com a maconha ficava agressivo o contrário acontece com os remédios, fica uma pessoa sem ação, sem vontade de falar, forçado pelos remédios a vegetar, a não responder ou não pensar.

Desta forma, esses mecanismos empregados nos hospitais aqui tratados fazem-nos pensar em certa semelhança desta instituição com as prisões quando observamos, por exemplo, os escritos de Foucault em *História da Loucura* nos apresentando que os loucos eram, além de trancafiados em um quarto, amarrados para que médicos e enfermeiros não corressem o risco de serem surpreendidos. Apesar de ambas parecerem métodos de uso da força para regenerar essas pessoas com comportamento desviado para depois reinseri-los na sociedade o que observamos mais visivelmente é a tentativa de controle dos comportamentos ditos incorretos e que devem ser ocultados para “manter as aparências”. Sendo assim, é talvez pensando nas aparências que aos poucos esses loucos vão perdendo as amarras e tendo a possibilidade de passearem pelos corredores ou nos jardins, caso mantenham um bom comportamento (FOUCAULT, 2004, p. 474.).

Mas a semelhança não faz presente apenas na intenção do uso da força entre uma e outra instituição. A estrutura em que são construídos estes hospitais tem por intuito torná-los presos com uma justificativa de que estão internados porque estão doentes e precisam se curar. Mas as grades nas janelas e portas, o refeitório fechado a

cadeado, a obrigatoriedade em tomar os remédios dados, os locais de “banho de sol”, a imposição da força caso a pessoa se recuse a ser *dócil*, todos esses fatores citados fazem nos sentir mais dentro de uma prisão do que de um hospital. O que aqui debatemos até agora pode ser ilustrado com a fala do médico no filme quando a família de Neto vai visitá-lo pela primeira vez: “Vocês precisam entender que não estamos tratando apenas do problema da dependência das drogas, mas sobretudo do distúrbio de personalidade do rapaz”. Este seria um argumento forte para que a família entendesse o seu comportamento cabisbaixo, as queixas que seria feitas ao passo que o médico lhes orientava a não escutar, pois era *feito dos medicamentos*.

Assim, poderíamos nos perguntar qual a intenção em deixar essas pessoas na condição de internas, mas a partir do que aqui discutimos já podemos responder automaticamente a tal questionamento. Como já dissemos, a maioria dessas pessoas eram pobres, que sofriam com a dependência do álcool ou da maconha, que o discurso médico enxergava aí a necessidade de abrigá-los. Mas por trás desse discurso médico muitas águas rolavam. No início existia a idéia de afrancesar o Brasil e para tanto as pessoas que andavam pelas ruas deveriam também ter o mínimo de contato com os costumes franceses, dessa forma as pessoas que não se enquadravam nessa posição deveriam ser *escondidas* da sociedade. Além do mais, a criação destes hospitais se tornaria uma forma de lucro para os médicos, pois políticas governamentais de auxílio começam a surgir, fato que vai incentivar cada vez mais a lotação destes hospitais tendo em vista que quanto mais pessoas tivessem internadas mais ajuda o governo deveria disponibilizar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A emoção de estar em contato com o filme além de tamanha é sempre uma descoberta nova e da qual não sabemos ao certo o que podemos encontrar no outro lado da tela. A cada novo título em cartaz, uma nova expectativa no intuito de descobrir o estilo usado pelo diretor, o desencadear da história, o desenvolvimento dos personagens ao longo do filme, na busca ferrenha de apreender ao máximo aquela história que está sendo representada a partir deste recurso. Dessa forma, as análises feitas sobre os filmes

buscam ir além do que o nosso olho consegue captar em um primeiro momento, buscando encontrar as relações representadas, as temáticas abordadas, ao passo que críticas são realizadas, estilos são debatidos, anacronismos podem ser encontrados, mas como disse Almeida “O filme é um tempo presente, sem tempo é o tempo da projeção”. A partir desta afirmativa devemos ter em mente inicialmente, diante do trabalho de análise de um filme, que por mais que um filme busque ser fiel ao recorte temporal por ele trabalhado ainda será uma representação que pode ser diferente, podendo variar de filme para filme.

Porém, não devemos levar tal consideração ao extremo, a ponto de trabalhar um filme em busca somente de seus anacronismos, deixando que a arte fílmica se perca em meio ao assunto abordado. O filme aqui trabalhado, por exemplo, representa o estilo brasileiro, que a cada dia mais está ganhando campo, aprimorando suas técnicas, além de trazerem fortes temáticas a serem discutidas. “Bicho de Sete Cabeças” traz questões atuais tanto para comover o telespectador quanto para nos lembrar uma problemática vivida pelo Brasil já há alguns anos.

Aos drogas além de um assunto muito debatido pode também ser visto como um fator que ao logo da história envolveu interesses tanto de natureza econômica quanto social, sendo inclusive um dos fatores que levaram os europeus a se interessarem por novas rotas marítimas e daí encontrar um Novo Mundo. Ao mesmo tempo essas plantas meio que serviam como um anestesiador das dores, das dificuldades e, como não existia ainda estudos que as identificassem como prejudiciais, eram um forte atrativo para que os possuidores deste produto de luxo conseguissem subjugar o interessado no produto. Essa relação entre possuidores e procuradores deste bem existiu em tal período – por volta do século XVI – e não deixa de existir como podemos encontrar no filme que, apesar de não mostrar a busca do garoto em conseguir a droga, nos mostra as relações de amizade como um forte fator para que a pessoa consiga ter contato com o desejado.

Contudo, depois que a sociedade nota desvios comportamentais de algumas pessoas, mesmo que em geral não sejam associados ao uso das drogas de início, sente-se a necessidade de criar um local de acolhimento para os degenerados da sociedade. Para os médicos o uso das drogas em exagero, como o autor Jurandir F. Costa nos

mostra com o álcool e a maconha no Brasil do século XIX, os tornariam loucos pelo comportamento que acabavam adquirindo. O uso em excesso parecia deixá-los com cara de demente, bem como sua ausência poderia torná-los agressivos, capazes de se utilizar da força por estarem sentindo o vazio deixado pela droga.⁵ Depois, da agressividade poderiam passar para o estado quase vegetativo em que a pessoa se encontraria por causa do uso dos medicamentos presentes no tratamento.

Esse filme nos faz perceber uma instituição punitiva a partir do discurso médico vigente que a criou e sua persistência ainda por bastante tempo, passando com o tempo a englobar cada vez mais dependentes químicos em um mesmo ambiente ao ponto de eles serem confundidos como se estivessem com a mesma doença. Além desses assuntos abordados, muito ainda podíamos estudar tanto dessas relações quanto com relação ao estilo fílmico, ao cinema brasileiro e seu uso nas escolas, tendo em vista a riqueza visível nas cenas deste filme.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUMONT, Jacques. *A Estética do Filme*. Trad.: Maria Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1995.

BERNADET, Jean-Claude. *Brasil em Tempo de Cinema: ensaio sobre o cinema brasileiro de 1958 a 1966*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

CARNEIRO, Henrique. Transformações do Significado da Palavra “droga”: das Especiarias Coloniais ao Proibicionismo Contemporâneo. In.: *Álcool e Drogas na História do Brasil*. Org.: Renato Pinto Venâncio, Henrique Carneiro. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2005.

CARRIÈRE, Jean-Claude. *A Linguagem Secreta do Cinema*. Trad.: Fernando Albagli, Benjamin Albagli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

COSTA, Jurandir Freire. *História da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. 5. Ed. Ver. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

⁵ Tal característica podemos perceber em “História da Loucura” quando Foucault nos explica a utilização de amarras para segurarem essas pessoas agressivas. Com o tempo o uso da força vão os tornando menos agressivos e daí o médico busca uma conciliação entre o uso da força e a concessão de uma certa liberdade. Se o doente se comportasse poderia permanecer com as mãos desamarradas.

CAVALCANTI, Bruno César. A folha Amarga do Avô Grande: Fluxos e Reflexos do Sagrado no Maconhismo Popular Brasileiro. In.: O Uso Ritual das Plantas de Poder. Orgs.: Beatriz Caiuby Labate, Sandra Lucia Goulart. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2005.

FIGUEIRÔA, Silvia. Ciência e Tecnologia. In.: Novas Temáticas nas aulas de História. Org.: Carla Bassanezi Pinsky. São Paulo: Contexto, 2009.

IORE, Maurício. A Medicalização da Questão do Uso de Drogas no Brasil: Reflexões acerca de Debates Institucionais e Jurídicos. In.: Álcool e Drogas na História do Brasil. Org.: Renato Pinto Venâncio, Henrique Carneiro. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2005.

FOUCAULT, Michel. Os Anormais: curso no Collège de France (1974-1975). Trad.: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. (1979). Microfísica do Poder. Org/Trad.: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal.

_____. (2004). História da Loucura. Trad.: José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Editora Perspectiva.

GUNNING, Tom. Cinema e História. In.: O Cinema no Século. Org.: Ismail Xavier. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MOCELLIN, Renato. O Cinema e o Ensino da História. Curitiba: Nova Didática, 2002.

NAPOLITANO, Marcos. Como Usar o Cinema na Sala de Aula. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

REVISTA *Mente & Cérebro*, ano XV, número 180. Disponível em:

< <http://www.marchadamaconha.org/forum/index.php?showtopic=90> >

REVISTA *Nossa História*, ano III, número 33.

FILME: “Bicho de Sete Cabeças”; Diretor: Laís Bodansky, 2001